



capitalismo na amazônia: utopia (e miséria) da ascensão social*

Violeta Refkalefsky Loureiro**

O estudo "CAPITALISMO NA AMAZÔNIA: Utopia (e Miséria) da Ascensão Social" se propõe a compreender parte das transformações em curso na Amazônia, tomando o pequeno produtor (agricultor e pescador) como unidade e centro de análise. Estabelece como itinerário dessa busca, num primeiro momento, o estudo da vinculação original do homem com a terra e seu projeto de existência rural, como alguém que simultaneamente, como pescador e agricultor, seria capaz de desentranhar da terra-natureza a subsistência familiar. O rompimento desse vínculo precário e real com a terra, pelo desapossamento, violento ou não, mas sempre lógico e persistente na história recente na Amazônia, constitui seu segundo instante. Segue-se a migração para a cidade, a perda da dupla condição de agricultor e pescador, sua conversão em pescador efetivo e a construção de uma nova utopia que agora, como trabalhador despossuído, se transfigura na aspiração de ascensão social e acesso ao bem estar urbano, pelo trabalho na pesca. Depara com o homem em sua nova atividade produtiva - a pesca -, suas possibilidades e limites de ascensão social e o contexto de exploração e miséria cotidianas em que se vê enredado.

As relações sociais de produção vigentes na atividade pesqueira entre proprietários dos meios de produção e parceiros despossuídos não permitem a capitalização por parte dos últimos, pela forma de distribuição desigual dos rendimentos da pesca entre capital e trabalho, que se dá em favor do primeiro e em detrimento do último. Assim, a exploração do trabalho dos pequenos produtores da pesca, face à condição de não proprietários dos meios de produção e ao insigni-

* O estudo objeto deste resumo foi elaborado com o apoio financeiro do Programa de Bolsas de Pesquisa Sobre Assuntos Populacionais - IV Concurso para Bolsas de Pesquisa (1983) da ABEP (rec.financeiros FINEP/F.FORD).

** Socióloga. Mestre em Sociologia - UNICAMP. Profa. do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará.

ficante nível de desenvolvimento tecnológico dos equipamentos pesqueiros (que reduz a níveis muito baixos a produtividade por unidade de produção) se dá de forma a não permitir a acumulação de capital pelos parceiros, negando assim a transformação desses em proprietários e sua ascensão social, cristalizando a reprodução social dos mesmos na condição de trabalhadores despossuídos.

Após frustrar-se no trabalho, a utopia transfere-se à geração futura, quando o homem valoriza e almeja a educação dos filhos e repõe neles suas aspirações sociais. E finalmente, se frustra com o abandono da escola e o ingresso do filho na pesca.

Do ponto de vista metodológico a análise persegue, o que não é uma garantia de ter alcançado, a compreensão dessas transformações apoiada numa construção dialética. Disso resulta a análise histórica das condições originais da produção e apropriação da terra no lugar, onde são gestadas as condições atuais da vida social. Resulta também em entender que o caráter harmonizador, a configuração ideológica da utopia social e sua positividade deixam emergir permanentemente a contradição, na medida em que expõem, sem disfarces, o fazer histórico do cotidiano miserável desses pequenos produtores. Utopia e miséria constituem-se em contraface uma da outra. Faces de um mesmo processo social que, simultaneamente à expansão do capital na Região, expande também a miséria e consome as utopias sociais dos grupos humanos subordinados.

O mesmo processo instaurador do progresso social na Região é também o processo que leva os homens a se aperceberem como parte subordinada da sociedade e a perceberem que o progresso é desigualmente distribuído na sociedade, tal como sucede a qualquer outro bem. Em consequência, da mesma forma como secularmente foram excluídos da partilha de outros bens sociais, em especial a terra, são agora excluídos dos benefícios do progresso.

Ao destacar esses elementos de análise, objetivou-se conduzir a pesquisa em direção a algumas questões, que não são de natureza autônoma, mas pertencem a um conjunto unitário de indagações. Que transformações a estrutura produtiva da Região vem propondo ou impondo aos pequenos produtores e, em que medida estas transformações históricas vêm encontrando resposta na migração? Quais são as determinações fundamentais que o capital impõe ao migrante, na cidade, e como elas o atingem, em especial, ao pequeno pescador, personagem secular da economia regional? Por que o pequeno produtor não consegue se ca



pitalizar e ascender socialmente? E, finalmente, por que o progresso que o capital em sua expansão propicia, reproduz, simultaneamente, a miséria social? Ou, dito de outra forma: o progresso tem um conteúdo latente ou manifesto que instaura ou reinstaura a pobreza em seu entorno?

A compreensão do processo pelo qual o capitalismo avança e impõe transformações mais ou menos radicais sobre os homens da Região requer, necessariamente, a mediação de determinadas categorias científicas de análise, em especial as concepções de sociedade e classes sociais, nas quais a questão da ascensão social está enraizada. Sob esta ótica, o estudo entende a sociedade de classes, não como um espaço político e social aberto e permeável à mobilidade de seus indivíduos, que ascenderiam socialmente a uma outra classe, a partir do desenvolvimento de suas faculdades e habilitações pessoais, em especial, daquelas ligadas à educação formal e à capacitação para o trabalho, aos hábitos e mentalidades; ou ainda, a noção de classe social como um simples conjunto de categorias profissionais que compartilhariam níveis de renda e hábitos similares. Esta última concepção, que completa a primeira, não distingue uns dos outros, mas ao contrário disso, entende como idênticos partícipes de uma mesma dimensão social proprietários dos meios de produção e parceiros despossuídos, desde que suas rendas se aproximem e seus hábitos partilhem de um mesmo conjunto sócio-cultural.

Ao invés disso, o estudo entende as classes sociais a partir da base econômica e produtiva da sociedade e a inserção dos homens numa dada classe, fundamentalmente, a partir do lugar que ocupam na produção, seja como proprietários dos meios de produção, seja como trabalhadores despossuídos. E, em consequência, pela forma privilegiada ou subordinada com que se processa o exercício do trabalho e da sobrevivência e pelo montante da renda que percebem como remuneração do trabalho ou dos meios de produção. As condições básicas da produção, face à propriedade privada dos meios de produção e às relações delas decorrentes são também percebidas por sua outra dimensão: como uma expressão das condições de reprodução da vida material e de reprodução secular de classes e grupos, eternizando-se como explorados ou dominantes.

O estudo procura se entranhar nas relações de dominação e exploração do pescador e, em consequência, compreende sua impossibilidade de ascensão social. É neste novo contexto - na cidade de Soure, como migrante e como pescador, exclusivamente (já que a pesca é a atividade produtiva que abriga a maior parte dos migrantes na área estudada) - que se ins

taura, se frustra e se extingue a utopia de ascensão social do grupo. Este grupo de pequenos produtores entretanto, e infelizmente, não é único nem singular. Ao contrário, reflete a situação de centenas de milhares de pequenos produtores da Amazônia, aos quais a nova ordem de valorização do capital ao se instaurar se faz impondo sua extinção ou transformação e desatando seus laços originais com a terra e a natureza. Neste processo global o capital expropria os pequenos produtores, impõe a migração como destino, tangendo-os para a cidade. Explora e dilapida a força de trabalho e consome as utopias sociais dos homens simples da Região. O desenvolvimento do capital e o progresso técnico que o homem da Amazônia vê acontecerem põem a nu, através de depoimentos lapidares, que a pobreza não decorre da relação dos homens com a natureza mas das relações, transformadas, dos homens entre si.

O trabalho não teve, em nenhum momento, a pretensão de desvendar o conjunto de indagações propostas, ou mesmo de atingi-las ao nível do desejável. Antes disso, pretende contribuir no sentido de pensar criticamente a Amazônia e registrar o processo histórico de sua transformação, no âmbito de muitas limitações de análise. Ao mesmo tempo, entende a pesquisa social como uma tarefa atada pelo compromisso de ser parte de uma voz e uma fala dos homens da Amazônia, que nela vivem e sofrem essas transformações. Daí porque a autora procurou manter os depoimentos o mais fielmente possível, tentando impregnar o estudo dessa fala e dessa voz. Cumpre aprofundar a análise, para que outros estudos consigam deslindar, mais clara e profundamente, a gênese e a dinâmica da pobreza e da impossibilidade de ascensão social dos pequenos produtores, no bojo das transformações que hoje ocorrem. Estas últimas propiciam a formação de setores de atividades modernos e dinâmicos, que superam em produtividade e modernização o dos pequenos produtores. Entretanto, a não capitalização destes últimos não pode ser atribuída a explicações simplistas que se apóiam em limitações pessoais tais como a ausência de aspirações ou a formação impregnada de ruralidade desses indivíduos, que seriam assim, criaturas inadaptadas ao capitalismo urbano e à modernidade.

A ausência de capitalização e a não modernização desses pequenos produtores tampouco resultam de "disfunções" de um sistema social em desenvolvimento que ainda não logrou transformar o conjunto global das atividades produtivas da área. Ao contrário, diz respeito à natureza e ao conteúdo desse próprio processo. O progresso traz consigo, historicamente, a reprodução da pobreza, posto que esta lhe é inerente, está colada nele.